

A literatura infantil e juvenil contemporânea: Estudo dos livros digitais propostos em Portugal no PNL¹

RESUMO

Alice Atsuko Matsuda
alicem@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná-Campus Curitiba, Brasil/ PPDE-
CAPES / Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra-Portugal

O presente artigo é fruto do projeto de pesquisa do Estágio de Pós-doutoramento em Portugal, intitulado “A Literatura Infantil e Juvenil Contemporânea: Estudo de mídias, linguagens e tecnologias”, desenvolvido de julho/2017 a junho/2018, com auxílio Capes, Processo - 88881.119696/2016-01, junto ao Grupo de Investigação Mediação Digital e Materialidades da Literatura, do Centro de Literatura Portuguesa, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a supervisão da Professora Doutora Ana Maria e Silva Machado. O objetivo é analisar obras da Literatura Infantil e Juvenil sugeridas no Plano Nacional de Leitura (PNL), de Portugal, especificamente os livros da Biblioteca Digital presentes no *site*, com intuito de verificar como os autores conjugam hipertextos e recursos midiáticos (sons, imagens e movimentos) e se o estético se manifesta nas obras, ao dialogar a imagem visual e a palavra, e como se dá a inserção da música na interação entre o verbal e o não verbal. Além disso, apresentar a aplicação de uma experiência-piloto, em duas escolas públicas, uma de Anadia e outra de Coimbra, em Portugal, com intuito de avaliar a recepção da novela digital *Alice Inanimada*, episódio 1-China e episódio 2-Itália, de Kate Pullinger e Chris Joseph, pelos alunos de duas turmas do 6.º ano e uma do 8.º ano, assim como pelas professoras das turmas. A aplicação na turma de 8.º ano foi realizada pela doutoranda Ana Albuquerque e Aguilar e nas duas turmas dos 6.º anos foi realizada pela pós-doutoranda Alice Atsuko Matsuda. Os dados dessa aplicação que agora se apresentam recuperam a informação da comunicação antes apresentada na ELO 2018, em Montreal-Canadá. A pesquisa da novela digital *Alice Inanimada* já vem sendo realizada desde 2016, coordenada pela Professora Ana Maria e Silva Machado, com uma aluna do Programa de Doutorado, Ana Albuquerque e Aguilar, e um mestre em tradução, António Oliveira, com intuito de traduzir a novela digital para a Língua Portuguesa como também o material pedagógico que a acompanha².

PALAVRAS-CHAVE: Literatura digital, Literatura Infantil e Juvenil, *Alice Inanimada*.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto do projeto de pesquisa do Estágio de Pós-doutoramento em Portugal, intitulado “A Literatura Infantil e Juvenil Contemporânea: Estudo de mídias, linguagens e tecnologias”, desenvolvido de julho/2017 a junho/2018, com auxílio Capes, Processo - 88881.119696/2016-01, junto ao Grupo de Investigação Mediação Digital e Materialidades da Literatura, do Centro de Literatura Portuguesa, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a supervisão da Professora Ana Maria e Silva Machado.

Face à crescente inserção das mídias digitais no cotidiano das pessoas e no contexto educacional, as questões que pretendemos responder são: a performance das crianças e dos jovens leitores midiáticos é diferente em relação à leitura do texto literário impresso e da literatura hipermediática? Quais são as habilidades cognitivas que são necessárias? Supõe-se que a performance seja diferente e que outras habilidades cognitivas são importantes o leitor possuir, portanto, verificar em que essas habilidades irão influenciar na mediação da leitura pelo professor e na escolha metodológica para o ensino de literatura e na formação do leitor é imprescindível. Analisar as relações de sentido a partir de diferentes semioses em gêneros discursivos contemporâneos, como os literários e verificar as potencialidades do trabalho com gêneros multissemióticos literários no ensino-aprendizagem de literatura, provavelmente, irá auxiliar na elaboração de atividades didáticas a partir do trabalho de obras da literatura hipermediática contemporâneas que mobilizam múltiplas semioses: som, vídeo, imagem, escrita, cores.

Portanto, para responder a essas indagações, primeiramente analisou-se os livros sugeridos pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) de Portugal, presentes no site da Biblioteca Digital e, em seguida, foi aplicada uma experiência-piloto em uma escola pública de Anadia e de Coimbra, municípios de Portugal, a fim de verificar a recepção de dois episódios da novela digital *Alice Inanimada*, pelos alunos de duas turmas do 6.º ano (escola de Anadia), uma turma de 8.º Ano (escola de Coimbra) e pelas professoras das turmas das duas escolas. A aplicação na turma de 8.º ano foi realizada pela doutoranda Ana Albuquerque e Aguilar e nas duas turmas dos 6.º anos foi realizada pela pós-doutoranda Alice Atsuko Matsuda. Os dados dessa aplicação que agora se apresentam recuperam a informação da Comunicação antes apresentada em Montreal-Canadá, na ELO 2018, intitulada “Is there a gap in the classroom? Inanimate Alice in Portuguese Schools”³. Os episódios utilizados são versões traduzidas para o português europeu. A tradução da novela digital faz parte do Projeto “*Inanimate Alice: Tradução de Literatura Digital em Contexto Educativo*”, integrado no Grupo de Investigação Mediação Digital e Materialidades da Literatura, do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, coordenada pela Professora Ana Maria e Silva Machado, com uma aluna do Programa de Doutorado em Materialidades da Literatura, Ana Albuquerque e Aguilar, e um mestre em tradução, António Oliveira, desde 2016. Dessa forma, o objetivo do presente artigo é demonstrar as discussões e resultados dessa pesquisa.

1. INFLUÊNCIA DO DIGITAL EM CONTEXTO ESCOLAR

A crescente influência da tecnologia a partir da revolução digital tem provocado cada vez mais uma reflexão em torno do próprio conceito de tecnologia e de suas amplas possibilidades de significação. O assunto abrange estudos a partir de quase todas as áreas do pensamento e lida com uma grande variedade de tópicos, especialmente devido à falta de consenso sobre o significado primário do termo “tecnologia”, pois este pode, entre outras coisas, se referir a uma série de artefatos, uma forma de ação humana, um modo de conhecimento ou até mesmo a um processo social.

Entre as questões mais fundamentais estão dois problemas de demarcação diretamente relacionados com a definição de tecnologia, segundo as ideias de Vieira Pinto (2005). O primeiro diz respeito à distinção entre tecnológico (artificial) e objetos naturais. Ela envolve a relação entre o homem, a natureza e a cultura. O segundo refere-se à diferenciação entre ciência e tecnologia como tipos de conhecimento. Na atualidade, a relação ciência-tecnologia tornou-se de importância central por causa da suposição generalizada de que a característica distintiva da moderna tecnologia, em comparação com as formas tradicionais de tecnologia, é estar baseada na ciência.

Outro tema recorrente nas reflexões sobre tecnologia é a autonomia do desenvolvimento tecnológico em relação a sua incorporação social. Trata-se da dinâmica da alteração tecnológica, temática bastante complexa, uma vez que a inovação tecnológica – em suas diversas fases de concepção, desenvolvimento, produção e difusão – é influenciada por muitos fatores heterogêneos (cognitivo, econômico, social, político, geográfico, cultural etc.). E é principalmente em torno desse eixo que circulam as questões sobre tecnologia e sua relação com a linguagem literária abordadas neste projeto.

Pontos de vista sobre a dinâmica da mudança tecnológica tendem a mostrar fortes princípios reducionistas, tomando um desses fatores como a força motriz da evolução tecnológica. Exemplos conhecidos são o “determinismo tecnológico” e as interpretações “construtivistas sociais” de tecnologia.

Machado explica que de acordo com o determinismo tecnológico, a tecnologia em si é o principal motor para as mudanças, ao que a sociedade deve se adaptar e, portanto, não há espaço para formas alternativas de tecnologia. Interpretações construtivistas sociais da tecnologia, por outro lado, afirmam que a tecnologia é, em grande medida, ou mesmo completamente, determinada socialmente. O autor destaca, porém, que essa bipolaridade “deve ser interpretada como o resultado da história das disciplinas, de suas interrogações e da maneira pelas quais elas se constituíram e não como uma oposição teórica entre duas modalidades explicativas inconciliáveis” (MACHADO, 2003, p. 15).

Tais pressupostos podem ser criticados por razões filosóficas, porém, muito mais importante é que a questão da autonomia da tecnologia não seja resolvida apenas por argumentos filosóficos. Nesse sentido, modelos para a dinâmica das mudanças tecnológicas (com suas suposições filosóficas) necessitam provar seu valor mediante pesquisas empíricas, particularmente no âmbito da tecnologia e

sua relação com a linguagem literária. O que pode revelar-se proveitoso para desenvolver esquemas conceituais mais adequados para a interpretação da tecnologia e de seu desenvolvimento nesse âmbito do conhecimento.

Percebe-se que as novas tecnologias midiáticas têm assumido um papel significativo na configuração/organização da cultura contemporânea, sendo perceptível a produção cultural oferecida à criança e ao jovem na atualidade, possibilitando contato com uma série de objetos culturais criados tanto no campo da cultura impressa, empregando recursos da mídia, quanto na cibercultura em que a literatura hipermidiática são veiculadas.

A literatura voltada tanto ao público infantil quanto juvenil ainda é vista pela academia como “menor” ou “inferior” à produzida para adultos. Isso, devido há anos, ser associada à ideia de ensino, atrelada ao pedagógico e ao utilitário, comprometendo a uma produção de qualidade.

De acordo com Ieda de Oliveira, baseado no conceito de “contrato de comunicação”, da Análise Semiolinguística do Discurso, do teórico francês Patrick Charaudeau, “o contrato de comunicação de um gênero textual (ou conjunto de gêneros) é um conjunto de restrições e liberdades que regem a produção e interpretação de textos desse gênero ou desses gêneros” (2013, p. 16).

Qualquer contrato de comunicação pressupõe direitos e deveres das partes contratantes. Na literatura infantil e juvenil, bem como na literatura produzida para adultos, as cláusulas de contrato de comunicação “partem do pressuposto de que literatura é arte e, como tal, implica ineditismo, nos mais variados níveis: fonológico, morfológico, sintático, lexical, textual e situacional”. (OLIVEIRA, 2013, p. 17). Verifica-se que, pelo fato de avaliar a literatura infantil e juvenil empregando regras contratuais da literatura adulta, muitas vezes, ocorre o equívoco de considerar a literatura voltada às crianças e jovens com qualidade menor.

Portanto, nota-se que é necessário entender que “a fronteira entre literatura infantil e a literatura dita adulta não é de natureza estética, e sim de natureza contratual. As duas modalidades se enquadram em contratos de comunicação diferentes” (OLIVEIRA, 2013, p. 17). Dessa forma, provavelmente,

por utilizar para com a literatura infantil parâmetros críticos aplicáveis à literatura dita adulta e por não perceber que a produção literária para crianças transita em outra ordem contratual – o que não a caracteriza como inferior –, é que a sociedade tenha sustentado a crença falsa, explicitada ou não, de que ela seria menor que a literatura adulta. (OLIVEIRA, 2013, p. 18)

Para Antonio Candido (1995), a literatura é um direito essencial, sobretudo, porque humaniza em sentido profundo. Essa humanização, conforme Candido (1995), configura-se como um:

[...] processo que confirma no homem traços essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para

com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p.249)

Para o estudioso, a literatura corresponde a uma necessidade universal que precisa ser satisfeita “[...] sob pena de mutilar a personalidade” (1995, p.256). Isto decorre do fato dela nos humanizar, conferir forma aos nossos sentimentos e a nossa visão de mundo, além de nos organizar, libertando-nos do caos. Assim, negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. A literatura, conforme Candido (1995), atua como instrumento consciente de desmascaramento, uma vez que focaliza situações de restrição dos direitos ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Em síntese, ela tem relação direta com a luta pelos direitos humanos. Precisamente, por esse poder libertário, a produção literária foi tão cerceada durante o período ditatorial de 1970.

Na nossa sociedade, segundo Candido (1995, p.257), pode-se detectar a gravidade do fato de que se mantém a “[...] estratificação das possibilidades, tratando como se fossem compressíveis muitos bens materiais e espirituais que são incompressíveis”. Em síntese, a fruição ocorre segundo as classes. Desse modo, quando o sistema é injusto, nega-se ao homem do povo a fruição da obra erudita. Em consonância com este pensamento, ao jovem escolar nega-se, muitas vezes, em âmbito escolar opressor, a obra libertária e reflexiva. Para que a literatura erudita e a libertária deixem de ser privilégio de uma minoria e circule livremente, faz-se necessária a divisão equitativa de bens. Esta, por sua vez, só ocorre em uma sociedade igualitária.

Cristina Mello afirma que “a questão dos valores não pode deixar de revestir-se de grande importância no contexto do ensino de leitura literária” (2000, p. 105), visto que é um ato formativo e diz respeito aos valores humanísticos, éticos, sociais e outros presentes nos textos literários. Para a pesquisadora, ao verificar a leitura no âmbito do sistema escolar, a questão dos valores pode ser pensada num contexto de preparação pré-pedagógica (a que antecede o estudo em aula) em relação a três polos: em relação às escolhas dos textos pelos professores (que textos, que partes de textos e porquê; com que objectivos, etc); em relação às opções do professor quanto aos conteúdos textuais a abordar e às estratégias de ensino mais adequadas; em relação aos alunos: como reagirão aos textos; que actividades e operações específicas desenvolverão ao longo das leituras. Ao lado disso, há que ponderar concepções que interagem entre si, a saber: concepção de literatura, leitura, e de seu ensino. (MELLO, 2000, p. 105)

Dessa forma, faz-se necessário analisar a produção de obras voltadas ao público juvenil para que dê visibilidade a uma geração de autores que vem renovando de forma bastante criativa o cenário da literatura juvenil e, assim, possa adentrar nas escolas e chegar aos leitores de todas as classes sociais, sem que haja a diferença entre literatura voltada ao público infantil, juvenil ou adulta; digital ou impressa.

2. OS LIVROS DIGITAIS DO PNL DE PORTUGAL

Os livros do Plano nacional de Leitura (PNL) de Portugal, a última versão, sugeridos na Biblioteca Digital, disponíveis no site⁴, estão separados por idade: 5-7 anos; 8-11 anos e 12-15 anos. Os grupos estão reunidos da seguinte forma:

1º GRUPO - de 5 a 7 anos

TÍTULO GÊNERO TEXTUAL	AUTOR ILUSTRADOR	TEMA
1- A festa de anos (Ficção Narrativa)	Mariana Magalhães/ Nuno Feijão	Igualdade de género
2- Meninos de todas as cores (Poesia)	Luísa Ducla Soares/ Cristina Malaquias	Tolerância e compreensão intercultural
3- A ilha do arco-íris (Ficção Narrativa)	Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada/ Helena Pinheiro de Melo	Tolerância e compreensão intercultural
4- Os amores de Lelé e Capilé (Ficção Narrativa)	Carlos Correia/ Ana Gini	Tolerância e compreensão intercultural

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

2º GRUPO - de 8 a 12 anos

TÍTULO GÊNERO TEXTUAL	AUTOR ILUSTRADOR	TEMA
1- Se só houvesse uma letra (Poesia)	Inês Pupo/ Nuno Feijão	Tolerância e compreensão intercultural
2- As Rainhas magas (Peça de Teatro)	Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada/ Carlos Marques	Igualdade de género
3- Diogo e a Estrela cigana (Ficção Narrativa)	Luísa Ducla Soares/ Joaquim Magalhães	Tolerância e compreensão intercultural
4- 4 Histórias Tradicionais (Ficção Narrativa)	Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada/ Ana Afonso	Tolerância e compreensão intercultural

5- Os Judeus - Breve história, a diáspora e holocausto (Obra Informativa)	Mariana Magalhães/ Carlos Marques	Tolerância e compreensão intercultural
--	-----------------------------------	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

3º GRUPO - de 13 a 15 anos

TÍTULO GÊNERO TEXTUAL	AUTOR ILUSTRADOR	TEMA
1- Cidadania e multiculturalidade (Obra Informativa)	Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada/ Carlos Marques e Rafaela Mapril	Tolerância e compreensão intercultural
2- Golo contra a intolerância (Ficção Narrativa)	Carlos Correia/ Ana Giri	Tolerância e compreensão intercultural
3- Os ciganos - História e cultura (Obra Informativa)	Inês Pupo/ ?	Tolerância e compreensão intercultural
4- Igualdade - Sim! Violência - Não! (Obra Informativa)	Rita Martinho/ ?	Igualdade de género X Violência contra as mulheres
5- Tráfico de seres humanos no século XXI? (Obra Informativa)	Rita Martinho/ Carlos Marques	Tráfico de seres humanos
6- Campos de lágrimas (Ficção Narrativa)	José Jorge Letria	Tolerância intercultural X Antissemitismo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Ao analisar as obras da Literatura Infantil e Juvenil sugeridas no Plano Nacional de Leitura (PNL) de Portugal, especificamente os livros da Biblioteca Digital presentes no site <http://bibliotecalivrosdigitais.observalinguaportuguesa.org/>, nota-se que os autores dos livros pretenderam conjugar hipertextos e recursos midiáticos (sons, imagens e movimentos), a fim de dialogar imagem visual e a palavra, e, em alguns casos, com a inserção da música na interação entre o verbal e o não verbal. No entanto, verifica-se que ainda os livros se encontram em estágio bem primário, mais próximo de textos produzidos a partir de recursos eletrônicos, porém sem modificar a estrutura do livro impresso, classificados como editoração colaborativa, segundo Kirchof, a partir da sugestão de Yoo (2009, p.

15). Exemplo dessa tipologia são os e-books que continuam com a mesma estrutura linear, com acréscimo de alguns recursos da mídia.

Todos os livros seguem o mesmo formato de e-books, em narrativa linear, muito semelhante ao livro impresso, em que a interação ocorre somente quando a criança vira a página com o *mouse* como se estivesse virando a página de um livro impresso. Há alguns movimentos da imagem, como o gesticular da boca, demonstrando que está falando, o piscar dos olhos e de alguns objetos que se movem. Há também a possibilidade de ouvir a narrativa, em vez de ler, aos livros do 1.º e 2.º grupos. O livros do 3.º grupo não têm essa possibilidade e a maioria é de cunho informativo, só dois são ficcionais. Exemplo dessa categoria é o livro *Tráfico de seres humanos no século XXI?*, de Rita Martinho, ilustrado por Carlos Marques, que tem clara intenção de alertar os jovens em relação ao perigo de contrabando de pessoas.

As ilustrações e/ou imagens dos livros, unicamente, objetivam retratar o texto escrito, sem muita preocupação com o artístico, portanto as cores empregadas também não têm um significado.

Não há no site disponibilizados livros, considerados literatura digital, em concordância com Hayles, aquela “nascida no meio digital”, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lido em uma tela de computador” (2009, p. 20), definição dada pela comissão da Organização Literatura Eletrônica: “Obra com um aspecto literário importante que aproveita as capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em rede” (HAYLES, 2009, p. 21).

Além disso, observa-se que, conforme concepção de Edmir Perrotti, são obras que empregam o discurso utilitário, com clara intenção de “oferecer a crianças e jovens atitudes morais e padrões de conduta a serem seguidos, ordenando os elementos narrativos em função de tal finalidade exterior” (1986, p. 117); ou empregam o discurso utilitário às avessas, aquele que “busca o ensinamento. O seu discurso é normativo, exibindo ao leitor o modelo de criança ideal, o modelo de criança ‘*comme il faut*’” (1986, p. 123).

O livro, *Meninos de todas as cores*, de Luísa Ducla Soares, ilustrado por Cristina Malaquias⁵, que trata do tema da tolerância e compreensão intercultural *versus* linguagem de ódio, intolerância, racismo e xenofobia, por exemplo, embora se utilize do gênero lírico, traz um discurso totalmente utilitário, por meio do poema narrativa. O texto tem uma intenção clara de tratar das diferenças étnicas, mostrando as características positivas de cada um, fazendo com que todos aceitem as desigualdades e vivam em harmonia um com os outros. Ademais tenta apresentar uma conduta a ser seguido, a do menino branco que conhece várias crianças de etnias diferentes e se relaciona bem com todas. Dessa forma, o poema acaba perdendo seu valor estético, além de criar um discurso dissimulado, totalmente irreal, sem verosimilhança.

Já o livro *Diogo e a Estrela cigana*, de Luísa Ducla Soares, ilustrado por Joaquim Magalhães⁶, cujo tema é a tolerância intercultural *versus* intolerância contra a etnia cigana, é melhor construído. A narrativa, utilizando-se do gênero textual diário, apresenta a cultura dos ciganos, por meio do relato cotidiano de

duas crianças: um menino português, chamado Diogo e uma menina cigana, chamada Estrela. Alternadamente, vai sendo narrada a rotina das crianças na escola, como vivem em família, as moradias, as festas tradicionais e como cada cultura festeja, as suas tradições e costumes, como aos dez anos Estrela já é prometida a casamento a um menino da comunidade cigana para se casar aos 13 anos. Além disso, vai revelando o despertar do amor adolescente entre os dois e o sonho de liberdade de Estrela em poder escolher continuar os estudos, em vez de se casar. A narrativa também não fica apenas no plano de uma realidade falsa em que acontecem somente coisas boas, mas tem uma verosimilhança com a vida das pessoas, narrando também acontecimentos tristes, como a morte da mãe de Estrela ao dar a luz a um bebê. A tentativa de conceber a criança em casa, sem assistência médica, seguindo a tradição cigana, e a demora para levar ao hospital, resultou na morte da mãe e do recém-nascido. As ilustrações também são bem trabalhadas, utilizando-se de desenhos que remetem aos de crianças, feitos em papel de caderno, recortados e colados no diário.

No entanto, nota-se um direcionamento bem prático de contrapor a cultura do branco e do cigano, com intenção de fazer com que as crianças aprendam a ser tolerantes e respeitem a cultura cigana. Isso não significa que não deva fazer, mas a obra perde seu valor artístico por explicitamente focar o problema da intolerância étnica cigana, que é comum em Portugal, com objetivo prático, assumindo um discurso utilitário às avessas.

Apesar de os livros sugeridos revelarem estar aquém do que se espera em termos de qualidade literária e digital, há uma proposta interessante divulgada, no dia 23 de abril de 2018, pela Professora Doutora Cristina Robaldo Cordeiro, representante do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior no PNL 2027, no âmbito da apresentação do projeto Ler + Ciência, a de integrar a obra *Alice Inanimada* no Plano Nacional de Leitura (PNL)⁷, a qual vem atender as expectativas do perfil dos alunos para o século XXI, conforme estabelecido também pelo governo português no documento *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*, no item 5. Competências-chave, no tópico Linguagens e texto, solicita-se que os alunos tenham as seguintes competências:

[...] utilização eficaz dos códigos que permitem exprimir e representar conhecimento em várias áreas do saber, conduzindo a produtos linguísticos, musicais, artísticos, tecnológicos, matemáticos e científicos.

As competências associadas às linguagens e textos implicam que os alunos sejam capazes de:

- utilizar de modo proficiente diferentes linguagens simbólicas associadas às línguas (língua materna e línguas estrangeiras), à literatura, à música, às artes, às tecnologias, à matemática e à ciência;
- aplicar estas linguagens de modo adequado aos diferentes contextos de comunicação, em ambientes analógico e digital;
- dominar capacidades nucleares de compreensão e de expressão nas modalidades oral, escrita, visual e multimodal. (PORTUGAL-Ministério da Educação, 2017, p. 13)

*Alice Inanimada*⁸ é uma novela digital, em 10 episódios, que narra a história de Alice dos 8 aos 20 anos, protagonista da narrativa, que além de ser personagem é a narradora, assumindo o papel de narrador-personagem. No entanto, ela não aparece no vídeo, é como se não existisse. Para Ferreira, o “adjetivo que acompanha o título ‘Alice’ (emulador da obra de Carroll) - o termo ‘inanimate’ ou ‘inanimada’ - não deixa dúvidas: aquela que fala não é um ser vivo; aquela com quem falamos não existe como um ser” (2013, p. 157).

Alice vive com seus pais e, em cada episódio, eles estão em lugares diferentes a trabalho ou a passeio. Pelo fato de seu pai, John, ser funcionário de uma companhia de petróleo, eles têm uma vida nômade. Portanto, a sua mãe, Ming, além de pintar quadros, cuida da casa e de sua filha, sendo também a sua preceptora, pois, pelo fato de estarem sempre morando em lugares diferentes, não há como Alice ir a uma escola tradicional - a sua mãe que a ensina. Embora esse estilo de vida oportunize Alice ter contato com uma diversidade de culturas, idiomas e referências, faz com que ela não crie laços mais duradouros com amigos, tornando-se uma menina mais solitária. Dessa forma, seu *smartphone* é seu grande companheiro, lugar onde pode se expressar, comunicar e, inclusive, criar um amigo virtual - Brad.

Como a cada episódio vivenciamos o desenvolvimento de Alice, tornando-se uma menina mais independente, podemos chamá-la de “*Bildungsroman* da era digital”, conforme Ferreira (2013), um romance de formação, como exemplo da série Harry Potter, de J. K. Rowling (1999).

Os primeiros 4 episódios foram escritos por Kate Pullinger, escritora e também professora universitária canadense, e por Chris Joseph, artista e webdesigner. Os episódios 5 e 6 foram desenvolvidos pelo artista digital Andy Campbell a partir de roteiros de Kate Pullinger. A novela digital foi produzida por Ian Harper, da *The BradField Company*, e por toda a equipe técnica de suporte. A produção narrativa é totalmente concebida em meio digital, para ser fruída no computador, corroborando com a definição de Hayles do que seja Literatura eletrônica, conforme já mencionado anteriormente - “é o fato de ser ‘digital born’: uma produção artística criada em parceria com a máquina, para ser vivenciada na máquina e inexistente fora da máquina; o que significa dizer, inteiramente virtual” (FERREIRA, 2013, p. 146).

Além da obra literária digital, há um material pedagógico que a acompanha, sendo bem aceito pelos professores do ensino fundamental e médio de diversos países. Escrito originalmente em inglês, já foi traduzida em francês, espanhol, italiano, alemão, japonês e indonésia. Em Portugal, a Professora Doutora Ana Maria e Silva Machado e sua equipe, por meio do Projeto “*Inanimate Alice: Tradução de Literatura Digital em Contexto Educativo*”⁹, tem como objetivo principal traduzir os episódios de *Inanimate Alice* e o material pedagógico que os acompanha, com intenção de editar uma versão multimídia portuguesa. Portanto, para além da tradução dos episódios, a comunidade educativa poderá ainda se beneficiar das orientações didáticas que acompanham as sucessivas aventuras da protagonista. O projeto está integrado no [Grupo de](#)

[Investigação Mediação Digital e Materialidades da Literatura](#), do [Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra](#).

A possibilidade de ter a versão da novela digital na língua portuguesa poderá beneficiar não somente alunos de Portugal, mas também falantes da língua portuguesa como Brasil, Angola, Cabo-verde, Moçambique, Quine-Bissau entre outros. Afinal, a língua portuguesa é a quarta língua mais falada no mundo, com 260 milhões de falantes em quatro continentes (MACHADO et. al., 2017).

A fim de cumprir a finalidade de aplicar *Alice Inanimada* em contexto educativo, foi realizada uma experiência-piloto, em escolas públicas de Anadia e de Coimbra, que objetivou avaliar a recepção dos primeiro e segundo episódios da série por parte de alunos de 6.º e 8.º anos, assim como pelos seus professores, além de verificar o uso da multimodalidade presente na obra pelos alunos e a análise interpretativa da narrativa.

O episódio 1-China passa-se no norte da China, onde o pai de Alice está procurando petróleo. Faz dois dias que ele deveria ter retornado ao acampamento. Preocupada com a demora, a mãe de Alice e ela saem de jipe a procura dele. No decorrer da narrativa ficamos conhecendo melhor a Alice. Nesse episódio ela tem 8 anos e sua maior distração é jogar no seu *smartphone*, além de conversar com Brad, o amigo virtual que ela criou. Embora a narrativa trabalhe com uma tensão, como se não fosse encontrar o pai vivo, por fim, com a ajuda do Brad que indica à Alice o caminho a seguir, elas veem o pai.

No episódio 2-Itália, a família está passando as férias nas montanhas da Itália, talvez, nos Alpes italianos, em alguma parte da Cordilheira dos Apeninos, visto que é um lugar que neva muito e se pode esquiar, praticar o *snowboard*. Nesse episódio Alice está com dez anos e vai tratar da tensão que ela passa ao sair sozinha no meio da neve, pois se esqueceu de ir à aula de *snowboard*. Resolve descer a montanha sozinha e se afunda no meio da neve. Desesperada, acha que irá morrer sozinha, congelada, mas Brad, mais uma vez ajuda acalmá-la e os pais a encontram sentada no meio da neve.

Percebe-se que, em cada episódio, uma questão conflituosa será explorada e Alice vai se amadurecendo, experimentando novas aventuras. Vivenciar essas experiências pelos jovens leitores podem auxiliá-los também em sua formação pessoal, portanto ser *Alice Inanimada* um “*Bildungsroman*”.

3. APLICAÇÃO DO PROJETO-PILOTO

A metodologia a ser empregada para aplicação do Projeto-piloto da novela digital *Alice Inanimada* dos Episódios 1-China e 2-Itália, pelos alunos, foi a Pesquisa Etnográfica para Educação, da estudiosa Marli André (2008, p.41), pesquisa do “tipo etnográficas”, metodologia adaptada dos estudos sociólogos e antropológicos das ciências sociais da disciplina de Antropologia, principalmente, tendo como foco o estudo da cultura e o comportamento de determinados grupos sociais.

A pesquisa etnográfica pressupõe um envolvimento maior entre o pesquisador e os pesquisados, além disso, o trabalho etnográfico tem mais interesse na proposta da pesquisa do que no procedimento de coleta de dados,

analisando o cotidiano escolar e a educação, concebidos enquanto processo social, cultural e histórico. A intenção principal de uma pesquisa etnográfica é:

documentar o não documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico (ANDRÉ, 2008, p. 41)

Outra especificidade da metodologia etnográfica é a sua centralidade no processo e não no resultado final, enfatizando os aspectos subjetivos do comportamento humano, as interações sociais presentes no cotidiano, relacionando as perspectivas qualitativas e quantitativas das pesquisas. Segundo André (2008, p.19), “a principal preocupação da etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados” na tentativa de descrever sua cultura e compreender seus significados. Portanto, a pesquisa tem uma abordagem qualitativa em que o olhar observador do pesquisador tem grande relevância. Dessa forma, foram utilizados os seguintes instrumentos: questionário semi-estruturado elaborado no *google forms*, fotografia, filmagem e diário de bordo (registro escrito para confrontar a realidade observada na sala de aula com as informações coletadas no questionário).

A pesquisa ocorreu em duas escolas públicas de Portugal¹⁰: de Anadia, em duas turmas de 6.º ano e de Coimbra, em uma turma de 8.º ano. As duas escolas são muito bem equipadas estruturalmente em todos os sentidos, com laboratórios de informática que funcionam muito bem, computadores atualizados, internet boa com acesso disponível, possibilitando realizar trabalho online.

Para traçar o perfil dos alunos, foi elaborado um questionário no *Google forms*¹¹ com perguntas sobre dados sociais, gosto pela leitura, recepção da obra, além de verificar se os alunos tinham noção do uso da multimodalidade e analisar a interpretação do texto. Ao todo, 60 alunos participaram da pesquisa: 40 alunos do 6.º ano e 20 alunos do 8.º ano. Em cada turma há 20 alunos, portanto, o professor pode oferecer atenção a todos. São alunos participativos, com comportamento adequado à idade e demonstraram boa apatia com a pesquisadora. 57% da turma são meninos e 43%, meninas, com idade entre 11 a 14 anos, oriundos da classe média trabalhadora.

Quanto à verificação do gosto pela leitura, observou-se que 58% tem gosto mediano pela leitura, 8% bastante e 12% muito, embora 15% tenham respondido pouco, 5% indiferente e 2% nada, revelando que ler não é um ato muito frequente entre os alunos ou que fazem não por prazer. Embora 18% tenha lido mais de seis livros no último ano e a maioria, 53%, leu de três a cinco livros; 25%

leu apenas de um a dois e 4% não leu qualquer livro, dados que reforçam que os alunos não são assíduos leitores.

No entanto, quando foi questionado quem os aconselhou a ler os livros, 50% disseram que foram eles mesmos, um dado, de certa forma contraditório com as informações anteriores. Não se pode afirmar se eles mesmos, por vontade própria, leram os livros que são indicados pela escola, como atividade escolar, ou se leram outros livros por prazer, do gosto deles. 23% disseram que foi indicação de um(a) professor(a), 18% a família, 5% um amigo e 4% outra pessoa.

Quanto ao acesso a livros, verifica-se que não há problemas, pois 28% possuem mais de 100 livros em casa; 20%, de 51 a 100 livros; 34%, entre 11 a 50 livros; 16%, de 1 a 10 livros e apenas 2% não possuem livros. Isso demonstra que os alunos não terem criado o gosto pela leitura não é devido à falta de acesso ao objeto em casa. Além disso, a biblioteca das escolas possui um acervo de qualidade de livros tanto de literatura como de outras áreas.

Agora, ao serem indagados quanto ao acesso a meios digitais como celular, *smartphones*, computador, *tablet*, consola, etc; verificou-se que 82% tem acesso diariamente; 17%, algumas vezes por semana e 1% apenas, algumas vezes por mês, demonstrando o quanto eles são uma geração mediática.

Como o intuito da pesquisa era também detectar se a recepção de *Alice Inanimada* era melhor no texto impresso ou no digital, cada turma foi dividida para que metade lesse o texto no papel, elaborado pela pesquisadora, e outra metade lesse no computador, apesar de que já tivesse a hipótese de que os alunos iriam preferir o digital, por terem demonstrado serem uma geração mediática. Depois da leitura, responderam o questionário em se analisará alguns dados que chamaram a atenção.

Por exemplo, 90% dos alunos preferiram a leitura no formato digital e ao questionar os alunos que viram *Alice Inanimada* no computador, quanto à atividade que acabaram de realizar, verificou-se que 55% disseram que assistiram, 42% que leram e 3% que utilizou. Embora tivessem a opção jogar, ninguém optou por essa, mesmo que no meio da novela tenha alguns joguinhos a realizar. O mesmo ocorrendo ao serem questionados sobre o gênero textual. Ninguém escolheu a opção jogos de computador, demonstrando que consideram *Alice Inanimada* uma narrativa digital (58%), ou filme de animação (30%), ou conto juvenil (12%), revelando a coerência nas duas respostas.

Por ser um livro digital no computador, a maioria responder que havia assistido faz sentido, mas as crianças não apenas assistiram, tiveram que utilizar o *mouse* para avançar a narrativa, interagir com as atividades, serem ativos e não apenas passivos diante da tela do computador, visto ser uma literatura ergódica, na concepção do pesquisador norueguês Espen J. Aarseth¹² (2006). Embora o livro digital tenha imagem, som, movimento, cores, a narrativa possui também muitos trechos de textos necessitando ler, portanto foi uma das respostas que 13 alunos deram, apesar de que não se faça a leitura apenas do texto verbal, mas também do não verbal. Um aluno apenas optou por ter utilizado, talvez, seria devido a ideia de ter “utilizado o computador” para realizar a atividade. No entanto, é estranho que ninguém optou por jogar, embora tivesse alguns games no meio da narrativa. Talvez por considerar uma atividade escolar, jogar não

poderia ser uma resposta correta? Entretanto, durante a discussão de verificação da recepção e entendimento de *Alice Inanimada*, após a atividade de leitura e resposta ao questionário, essa palavra foi mencionada pelos alunos.

Quanto à recepção de *Alice Inanimada*, 42% disseram que gostaram bastante, 33% muito, 23% mais ou menos e 3% pouco, revelando uma boa recepção e o quanto os alunos estão familiarizados com o digital, tanto que ao serem questionados se tiveram dificuldade em perceberem como avança a história, 45% não sentiram nada de dificuldade, 23% pouco, 29% mais ou menos e 3% (um aluno entre 31) respondeu que sentiu muita dificuldade. Além disso, outra informação que reforça essa ideia é o fato de a maioria dos alunos não achar estranho ter trabalhado com uma obra literária a partir do computador: 42% acharam nada estranho, 26% pouco, 30% mais ou menos e 3% bastante. Pode-se afirmar que são usuários experto do ciberespaço, de acordo com Santaella:

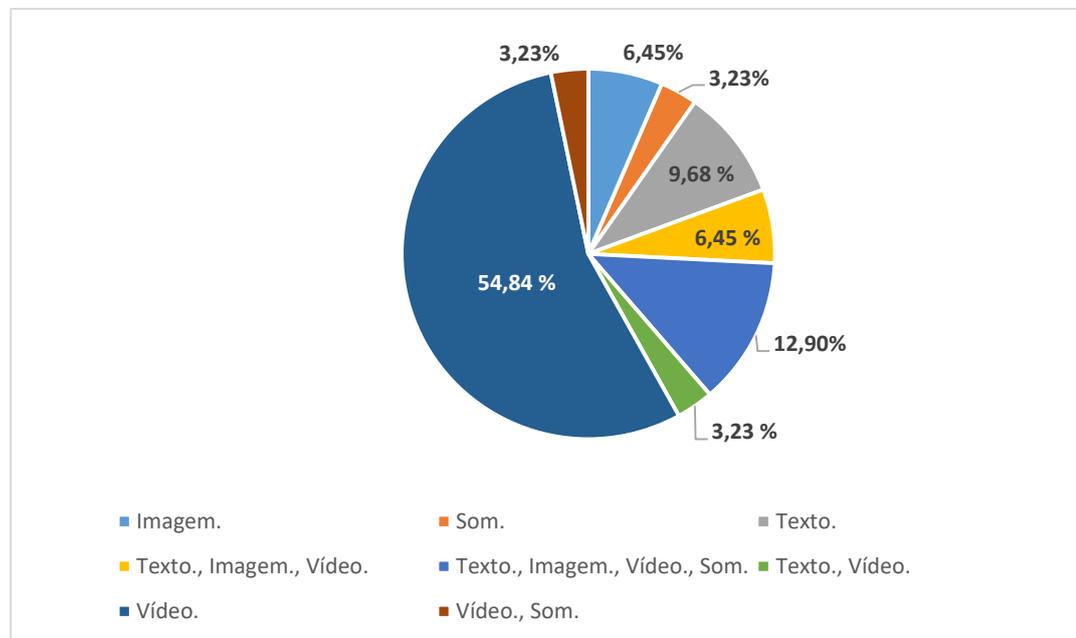
[...] tem conhecimento dos aplicativos no seu todo, manipulando as ferramentas e os comandos com desenvoltura e velocidade. Transita pela rede com familiaridade em função da representação mental clara que tem da estrutura, da qualidade e das idiossincrasias dos mecanismos de navegação. (2004, p. 66)

Esses alunos usuários experτος perceberam também a funcionalidade dos ícones do sumário que vem à direita da tela, conforme a cada fato da história for avançando. Ao final, depois que terminaram de ver a novela digital e tinham que esperar outros colegas finalizarem para prosseguir em outra atividade, uns perguntaram se podiam repetir as atividades dos jogos, ou se poderiam ver novamente a história. Para isso, manuseavam os ícones do sumário, sem orientação da pesquisadora.

Os 3% da pesquisa podem ser considerados como leigos: “aquele que já sabe entrar na rede, já memorizou algumas rotas específicas, mas não adquiriu ainda a familiaridade e competência de um experto, que conhece os segredos de cada mínimo sinal que aparece na tela” (2004, p. 59). Esses alunos demonstraram algumas dificuldades em entender que precisavam clicar na seta (») para avançar a história, embora tivesse essa informação antes de iniciar a narrativa, mas que a maioria não lê. Alguns alunos também sentiram dificuldades no momento em que tiveram que “vestir” a Alice no episódio 2-Itália, visto que eles tinham que arrastar a peça do vestuário até o corpo da personagem. Verificou-se que àqueles alunos que não têm muita familiaridade com jogos de vídeo-game tinham mais dificuldades de interpretar os signos e os sinais, necessitando de uma “alfabetização semiótica do usuário” (SANTAELLA, 2004, p. 67).

Outro dado que revelou o interesse pela *Alice Inanimada* foi ao serem questionados se queriam conhecer mais episódios da novela digital: 55% responderam muito, 29% bastante e 16% mais ou menos. Além disso, demonstraram que é importante trabalhar obras deste gênero digital na escola: 55% responderam bastante, 36% muito, 6% mais ou menos e 3% pouco.

Ademais, ao serem questionados se, em vez de ficarem desenvolvendo atividades com *Alice Inanimada*, se preferiam fazer outra coisa, 84% responderam que não e apenas 16% (5 alunos de 31) disseram sim. Esse dado revela o quanto sentem prazer em trabalhar com o computador e portanto, a aprendizagem também pode ser melhor adquirida. Tanto que a maioria demonstrou interesse em contribuir com a criação de um novo episódio de *Alice Inanimada*: 36% responderam bastante, 32% muito e 32% mais ou menos. Além disso, conforme figura abaixo, os dados revelam que praticamente 55% trabalhariam com a elaboração do episódio empregando o vídeo, visto que utiliza das várias formas de comunicação, sendo um gênero multimodal, 13% empregariam as multimodalidades (texto, imagem, vídeo e som) semelhante à produção de *Alice Inanimada* e outros 13% também tentam misturar outras modalidades de comunicação. Apenas 10% usariam somente texto, 6% imagem e 3% som.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Percebe-se, portanto, que:

A incorporação da multimodalidade em abordagens educacionais tradicionais exige uma mudança fundamental - não só na maneira como enxergamos a comunicação, mas também na maneira como professores e alunos interagem no mundo moderno, multimodal e multimídia. Desde a alfabetização, tais mudanças demandarão novas práticas: os professores já contam com livros didáticos e de literatura que conjugam linguagens gráficas, visuais e verbais; as crianças da geração atual já se constituem como usuários de TV, rádio e mídia digital, internalizando gestos, atitudes e comportamentos que potencializam uma interação cada vez mais multimodal. A questão da escola é tomar essas linguagens múltiplas

como objeto de discussão, contribuindo para uma recepção mais crítica e consciente. (FRADE, VAL, BREGUNCI, 2014, s/p.)

Em relação à interpretação, além de haver algumas perguntas relacionadas a essa questão no formulário, depois que os alunos responderam o questionário, houve uma discussão em conjunto com todos os alunos na sala de aula. A turma de alunos que tinha lido no papel foi avançando a narrativa no computador, dando a vez para que todos que quisessem realizar a tarefa. A cada trecho era discutido e verificado a compreensão, por meio dos questionamentos realizados pela pesquisadora, motivando-os a participar, dando a opinião deles.

Nessa discussão, pode-se verificar que a maioria entendeu bem a narrativa, percebendo, inclusive, elementos construídos esteticamente pelos criadores. Por exemplo, nos momentos de tensão da narrativa, em que os criadores utilizam-se de ruídos, músicas e cores escuras para provocar um clima de suspense no episódio 1-China, os alunos perceberam bem a produção de sentido. Além disso, o fato de as letras do texto também ficarem embaralhadas, notaram que tinha relação com a antena de satélite em cima do jipe. No entanto, o ruído e as cores escuras do episódio 1-China não agradou todos. Logo no início do episódio, houve alunos que acharam que houvesse algum problema no computador e não tinham entendido que era da própria narrativa, visto que a história já inicia *in medias res*: Alice e a mãe no jipe a procura do pai.

Já, gostaram mais da música, das imagens e das cores empregadas no episódio 2-Itália. Mesmo no momento de tensão, não desagradaram tanto quanto ao primeiro. Entretanto, alguns se assustaram com o grito que Alice dá ao cair na neve. Além disso, perceberam a diferença da música no momento que os pais chegam e Alice ouve a voz deles, como se ela sentisse aliviada ao ver seus pais. Notaram também a transformação do cenário, com a neve espessa caindo, remetendo ao clima angustiante, para uma noite estrelada, sem a nevasca. O sentimento de alívio de Alice transforma todo o ambiente.

Eles também disseram que no episódio 2-Itália havia mais jogos, mais ação e interação, além disso a música era mais agradável. Tanto que quando Alice fala de Aysha, ocorre uma analepse na narrativa em que a garota rememora a vida dela na Arábia Saudita e toca uma música típica do local. Percebe-se muitos alunos se movimentando nas cadeiras, dançando ao som da música.

No entanto, verificou-se que 63% dos alunos que viram a narrativa no digital não perceberam a diferença do Brad de um episódio ao outro, porém 61% dos alunos que leram no impresso perceberam, visto que havia a imagem do Brad no papel. Observe alguns relatos interessantes dos alunos que constataram a diferença:

“Está a andar de skate e evoluiu.”

“Desta vez ele já não é um stickman, mas sim uma animação com um corpo definido.”

“Ele parece mais ‘vivo’ que no episódio anterior.”

“O formato e o desenho estão diferentes.”

“O Brad está num skate e a posição dos seus braços é diferente”

“Ele estava bem melhor desenhado”

Pode-se inferir com esse dado que os alunos parecem que ficam mais distraídos ao lerem no digital, há mais dispersão na leitura do digital. Segundo Santaella (2004), essa geração se encaixa no tipo do leitor imersivo, aquele leitor virtual que emerge nos novos espaços incorpóreos da virtualidade. É o leitor do séc. XXI que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. É um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc.

Há uma corrente mais pessimista de neurocientistas que analisam o comportamento dessa geração midiática, chamada de “Geração *Google*”, como Carr (2010), por exemplo, que afirma:

When we go online, we enter an environment that promotes cursory reading, hurried and distracted thinking, and superficial learning. It's possible to think deeply while surfing the Net, just as it's possible to think shallowly while reading a book, but it is not the type of thinking that technologies encourages and rewards¹³. (2010, p. 115)

Embora possa tanto realizar leitura superficial quanto profunda na *internet* como no livro impresso, o estudioso acha que a web irá condicionar o cérebro a sempre buscar informações rápidas e objetivas. Portanto, como muitos estudos apontam, há uma certa distração e superficialidade na leitura desses jovens leitores, talvez, por causa das multimodalidades presentes na obra. Consequentemente, há necessidade do trabalho do professor, sendo o mediador de leitura e orientá-los para perceber esses recursos empregados pelos criadores. No caso de Brad, a mudança no desenho demonstra a maturidade de Alice que com 8 anos realizava um desenho mais simples, infantil, já com dez, revela capacidade de desenhar melhor. Tanto Alice como Brad vão se amadurecendo com o tempo.

Nos questionários das três professoras, verificou-se também um interesse muito grande em trabalhar com obras digitais, como *Alice Inanimada*, principalmente, pelo fato de os alunos demonstrarem interessados, esse tipo de obra ser uma novidade nas aulas, possibilitar o desenvolvimento de competências de literacia digital e pelo seu carácter multimodal (conjuga texto, imagem, vídeo, som e música).

No entanto, demonstraram receio com acesso a *internet*, dificuldades no acesso a meios técnicos e tecnológicos, embora as escolas sejam muito bem equipadas, inclusive, com técnicos a auxiliar. Durante a aplicação, houve alguns problemas, mas foram sanadas sem grande prejuízo.

Percebe-se, portanto, que o resultado da aplicação de *Alice Inanimada* foi bastante satisfatório, tendo potencial para contribuir de forma efetiva na formação leitora dos alunos do século XXI.

ALGUMAS CONCLUSÕES

A presença do digital na vida dos alunos é inegável, portanto há necessidade de repensar a formação do leitor do século XXI, esse leitor da geração midiática. A escola precisa acompanhar o avanço tecnológico e não há como fugir disso, caso contrário, não será um espaço que contribuirá na produção de aprendizagem dos anseios dos alunos e que os levem a se desenvolver como cidadão para poder atuar de maneira efetiva na sociedade da informação e comunicação.

Corroborando com Zacharias, pode-se afirmar que é “necessário incluir no contexto escolar uma pedagogia que valorize e reconheça o universo multimidiático e multissemiótico marcado pelos ambientes digitais, uma pedagogia que não se restrinja à cultura do impresso” (2016, p.20). Incluir o universo digital nas práticas educacionais não significa excluir o impresso. Há necessidade de uma articulação entre eles e o professor tem papel preponderante, para que possa beneficiar-se do potencial de cada um desses meios.

Observou-se essa intenção nos documentos oficiais do governo de Portugal presentes no site do Plano Nacional de Leitura 3 (PNL3)¹⁴. Entretanto, há necessidade de aprimorar o acervo de livros digitais sugeridos aos alunos, com obras como *Alice Inanimada*, conforme já foi dito, divulgada pela Professora Doutora Cristina Robalo Cordeiro, representante do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior no PNL 2017, no âmbito da apresentação do projeto Ler+Ciência.

Infelizmente, os livros presentes no acervo da Biblioteca Digital têm mais cunho informativo, moralizante e pedagogizante, não atendendo aos parâmetros estéticos de que se considera literatura. Além disso, não correspondem também aos critérios do que se julga ser literatura digital.

Outra questão importante para desenvolver o letramento digital é a formação do professor. Dessa forma, a equipe coordenada pela Professora Doutora Ana Maria e Silva Machado pretende, além de finalizar a tradução do material pedagógico que acompanha os episódios de *Alice Inanimada*, elaborar recursos educacionais que permitirão a sua didatização e aplicação em contexto educativo, nos ensinos básico e secundário, oferecer também uma formação aos professores da rede pública em setembro/2018.

Portanto, verifica-se um bom encaminhamento por parte do Ministério da Educação, em parceria com professores da Universidade, como de Coimbra, para a formação do leitor dessa geração do século XXI, bem como do seu corpo docente da rede pública básica e secundária.

Contemporary children's and young-adult literature: A study of the digital books proposed by the portuguese reading plan

ABSTRACT

This article is the result of the research project of the Post-Doctoral Training in Portugal, entitled "The Contemporary Childhood and Youth Literature: Study of media, languages and technologies", developed from July / 2017 to June / 2018, Process - 88881.119696 / 2016-01, together with the Research Group on Digital Mediation and Materiality of Literature, at the Center for Portuguese Literature, Faculty of Letters of the University of Coimbra, under the supervision of Professor Ana Maria e Silva Machado. The aim is to analyze children's and young-adult books suggested by the Portuguese Reading Plan (PNL), specifically the Digital Library books that are presented on their website, in order to verify how the authors conjugate hypertexts and media resources (sounds, images, and movements) and if the aesthetic is manifested in these books when dialoguing visual image and word, and how the insertion of music occurs in the interaction between verbal and nonverbal. This paper also presents a pilot experiment in a public school in Anadia, Portugal, in order to evaluate the reception of the digital novel *Alice Inanimada*, episode 1-China and episode 2-Italy, written by Kate Pullinger and Chris Joseph, by two classes of the 6th grade students and one of the 8th grade, as well as by their teachers. The application in the 8th grade class was carried out by the PhD Candidate Ana Albuquerque e Aguilar and in the two classes of the 6th grade was carried out by the post-doctoral student Alice Atsuko Matsuda. The data of this application are results retrieved from the Communication presented in Montreal-Canada, in Elo-2018. The research of the digital novel *Alice Inanimada* has been carried out since 2014, coordinated by Professor Ana Maria and Silva Machado, with Materialites of Literature's Doctorate Program, Ana Albuquerque e Aguilar, and António Oliveira, with a Master on Translation, with the aim of translating the digital novel into the Portuguese Language as well as the pedagogical material that accompanies it.

KEYWORDS: Digital Literature. Children's and Young-Adult Literature. *Alice Inanimada*.

NOTAS

1 O artigo é resultado da pesquisa de Pós-Doutoramento intitulada “A Literatura Infantil e Juvenil Contemporânea: estudo de mídias, linguagens e tecnologia”, desenvolvida na Universidade de Coimbra, Portugal, com auxílio Capes, pelo Programa de Pós-Doutorado no Exterior (Edital 15/2016), Processo nº 88881.119696/2016-01, realizada de 01 jul. 2017 a 30 jun. 2018.

2 Informações no site: <https://www.uc.pt/fluc/clp/inv/proj/meddig/iatld>

3 Informações no site: <https://sites.grenadine.uqam.ca/sites/nt2/en/elo2018/schedule/899/b6b99014d33f6c10aa0c22b2ae247e24ba62ba97/Is+there+a+gap+in+the+classroom%3F+Inanimate+Alice+in+Portuguese+schools>

4 Informações no site: <http://bibliotecalivrosdigitais.observalinguaportuguesa.org/>

5 Informações no site: <http://bibliotecalivrosdigitais.observalinguaportuguesa.org/sites/book.php?id=38>

6 Informações no site: <http://bibliotecalivrosdigitais.observalinguaportuguesa.org/sites/book.php?id=49>

7 Informações no site: <https://matlit.wordpress.com/2018/04/23/alice-inanimada-no-plano-nacional-de-leitura/>

8 Informações no site: <https://inanimatealice.com/about-the-project/>

9 Informações no site: <https://matlit.wordpress.com/2018/04/23/alice-inanimada-no-plano-nacional-de-leitura/>

10 A pesquisa foi aplicada nos dias 09, 11 e 23 de abril de 2018 em uma turma de 6.º ano e nos dias 23 e 24 de abril em outra turma de 6.º ano, na escola de Anadia (Portugal) pela pós-doutoranda Alice Atsuko Matsuda. Nos dias 19 de abril e 03 de maio de 2018 foi aplicada na turma de 8.º ano, na escola de Coimbra (Portugal), pela doutoranda Ana Albuquerque e Aguilar. Toda a elaboração do projeto, dos questionários e aplicação nas escolas teve um acompanhamento da professora supervisora da Universidade de Coimbra, em um trabalho conjunto com as pesquisadoras.

11 O questionário para ser aplicado aos alunos e às professoras no *Google forms* foi elaborado no âmbito do projeto doutoral em Materialidades da Literatura da doutoranda Ana Albuquerque e Aguilar e discutido, com vista a uma versão final, nas reuniões de trabalho da equipa do projeto *Inanimate Alice: Tradução de Literatura Eletrónica em Contexto Educativo*. Os dados dessa pesquisa já foram apresentados na Comunicação intitulada “Is there a gap in the classroom? Inanimate Alice in Portuguese schools”, na ELO/2018, em Montreal-Canadá. Recuperam-se agora nesse artigo destinado ao público de Língua Portuguesa.

12 Durante o processo cibertextual, o utilizador terá efectuado uma sequência semiótica, e este movimento selectivo é obra de uma construção física que os diversos conceitos de “leitura” não contemplam. É esse fenómeno que eu chamo ergódico, utilizando um termo retirado da física que deriva das palavras gregas *ergon* e *hodos*, que significam “obra” e “via”. Na literatura ergódica, exigem-se diligências fora do comum para permitir ao leitor percorrer o texto. Para que a literatura ergódica faça sentido como conceito, tem de haver também literatura

não-ergódica, onde o esforço para percorrer o texto é trivial, sem que o leitor assuma responsabilidades extranoemáticas à exceção de (por exemplo) movimentar a vista e virar as páginas periódica ou arbitrariamente. (AARSETH, 2006, p. 19-20)

13 Tradução aproximada: Quando estamos online, entramos em um ambiente que promove a leitura superficial, pensamento apressado e distraído e aprendizado superficial. É possível pensar profundamente enquanto surfando na Net, assim como é possível pensar superficialmente enquanto lendo um livro, mas não é esse o tipo de pensamento que as tecnologias encorajam e recompensam. (CARR, 2010, p. 115)

14 Informações no site:
<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index.php?s=diretorio&pid=97&title=Apresentacao&ppid=96#>

REFERÊNCIAS

AARSETH, Espen J. **Cibertexto**: Perpectivas sobre a Literatura Ergódica. Tradução Leonor Telles e José Augusto Mourão. Revisão Científica de Luís Felliipe B. Teixeira. Lisboa: Pedra de Roseta. 2006.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Etnografia da prática escolar**. 14. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 3.ed. rev. ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-63.

CARR, N. **The Shallows**: What the Internet is Doing to Our Brains. Kindle Edition, 2010.

CARROLL. Lewis. **Aventuras de Alice** - no País das Maravilhas, Através do Espelho e o que Alice encontrou lá (e outros textos). Tradução e organização de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Summus, 1977.

FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo. **Inanimate Alice**: o bildungsroman da era digital. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 15, n. 22, 2013. Disponível em <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/301/305>>. Acesso em 14 jun. 2018.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. (Orgs.). Multimodalidade. _____. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em:

<<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/multimodalidade>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

HAYLES, N. Katherine. **Literatura eletrônica**: novos horizontes para o literário. São Paulo: Global; Passo Fundo: UFP, 2009.

KIRCHOF, Edgar Roberto. O desaparecimento do autor nas tramas da literatura digital: uma reflexão foucaultiana. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 34, n. 56, p. 46-63, ja./jun. 2009. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/962>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

MACHADO, Ana Maria *et. al.* Inanimate Alice – the story of the series and its impact in Portugal. **Materialidades da Literatura (MATLIT)**. Coimbra-Portugal, v.6, n. 3, p. 93-104, 2018. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/matlit/article/view/5279> Acesso em: 23 mar. 2019.

MACHADO, Ana Maria; ALBUQUERQUE E AGUILAR, Ana; MATSUDA, Alice Atsuko. Is there a gap in the classroom? Inanimate Alice in Portuguese schools. Comunicação apresentada na **ELO 2018**. Disponível em: <https://sites.grenadine.uqam.ca/sites/nt2/en/elo2018/schedule/899/b6b99014d33f6c10aa0c22b2ae247e24ba62ba97/Is+there+a+gap+in+the+classroom%3F+Inanimate+Alice+in+Portuguese+schools> Acesso em: 23 mar. 2019.

MACHADO, Carlos José Saldanha. **Tecnologia, meio ambiente e sociedade**: uma introdução aos modelos teóricos. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2003.

MELLO, Cristina. **O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários**. Porto: Livraria Almedina, 2000.

OLIVEIRA, Ieda de. Literatura para crianças e jovens. In: BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; RÖSING, Tania Mariza K. (Orgs.). **Literatura para crianças e jovens**: por um novo pensamento crítico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PULLINGER, Kate; JOSEPH, Chris; CAMPBELL, Andy. **Inanimate Alice**. A digital novel. Disponível em: <<https://inanimatealice.com/about-the-project/>>. Acesso em 10 jun. 2018.

PORTUGAL. Ministério da Educação. **Biblioteca Digital**. Março, 2017. Disponível em: <<http://bibliotecalivrosdigitais.observalinguaportuguesa.org/>>. Acesso em mai. 2018.

PORTUGAL. Ministério da Educação. **Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória**. Fevereiro, 2017. Disponível em: <https://dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias_Imagens/perfil_do_aluno.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2018.

PORTUGAL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Leitura (PNL3)**. Março, 2017. Disponível em: <<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index.php?s=diretorio&pid=97&title=Apresentacao&ppid=96#>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

Recebido: 25 jul. 2018

Aprovado: 09 ago. 2018

DOI: 10.3895/rl.v20n30.9225

Como citar: MATSUDA, Alice Atsuko. A literatura infantil e juvenil contemporânea: Estudo dos livros digitais propostos em Portugal no PNL. *R. Letras*, Curitiba, v. 20, n. 30 p. 17-39, set. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

